ANTI CAPITALISTA

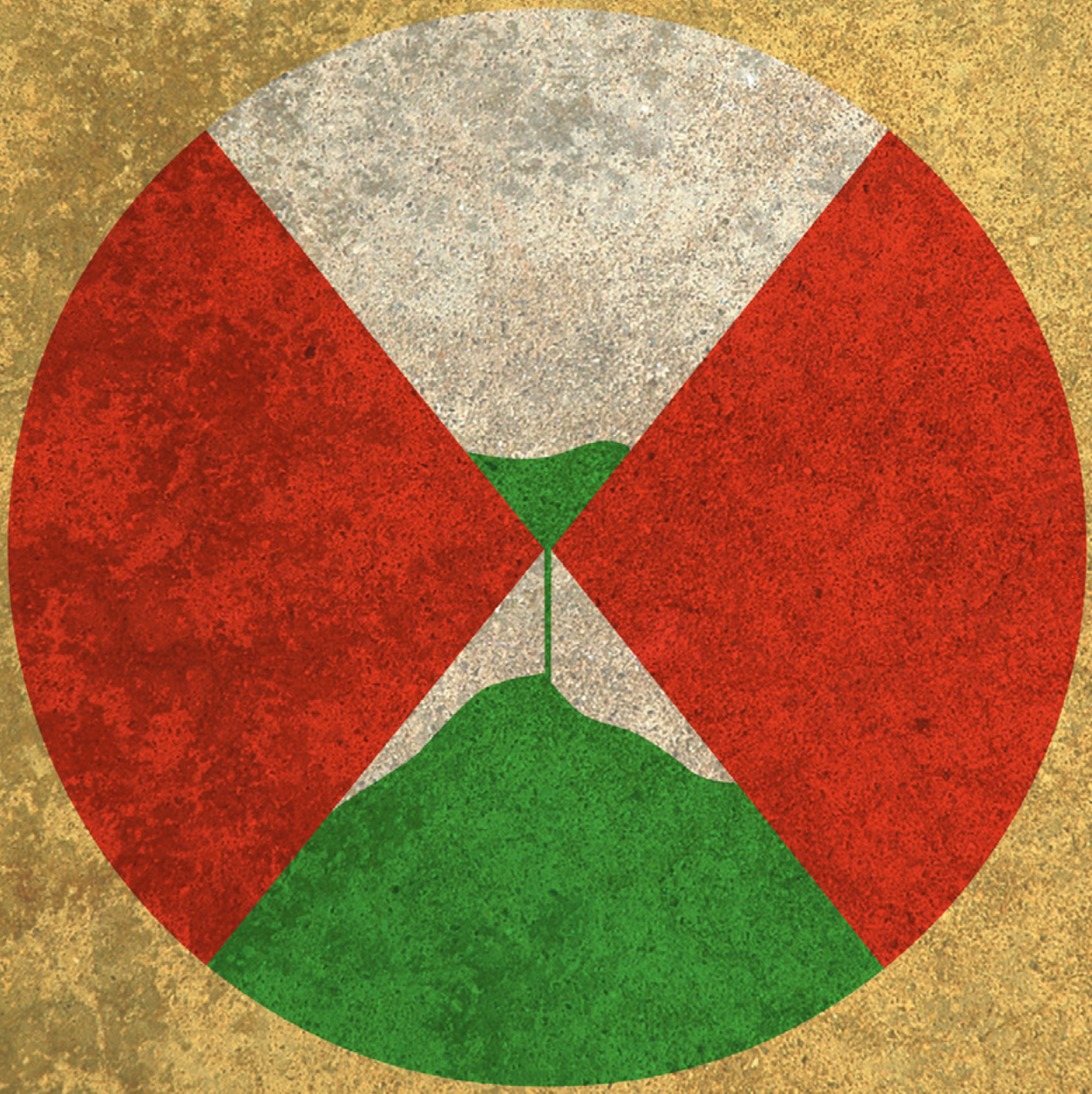
N.º 22 (SÉRIE II) – NOVEMBRO 2019

ERIK OLIN WRIGHT E A UTOPIA ANTICAPITALISTA P.06

COMO COMBATER A DIREITA *CLICKBAIT* P.04-05

A NOVA COMISSÃO EUROPEIA, AINDA PARA PIOR P.07

O CRESCIMENTO DA AGENDA DA JUSTIÇA CLIMÁTICA



EDITORIAL

A IMAGINAÇÃO AO PODER

O Bloco representa hoje uma sólida terceira força política em Portugal, tendo uma responsabilidade diferente tanto a nível programático, como a nível da ação política, da que tinha há poucos anos atrás. Nos últimos 4 anos, fomos motor de mudança na vida de milhões de pessoas graças à relação de forças que existiu e isto refletiu-se no nosso resultado.

Por outro lado, e apesar de se ter impedido a maioria absoluta do Partido Socialista, este sai reforçado na atual geometria parlamentar. Esta garante a possibilidade de PS tentar governar sozinho em minoria, procurando balançar entre convergências pontuais tanto à esquerda como à direita. Já avisou que não o fará com o Chega, afirmando não alimentar o oportunismo venturista de que falamos nesta edição. Mas nada o impede de levar a cabo "reformas estruturais" à direita. Mas não nos foquemos tanto em balanços, precisamos de falar de futuro.

A relação de forças existente em 2015 foi o que garantiu a existência da "geringonça", assim como das conquistas que o Bloco conseguiu aprovar através do acordo parlamentar e também além dele. O resultado de 2019, refletindo uma relação de forças diferente mas reforçando a posição do Bloco, é tão diferente como tem de ser a nossa estratégia para o atual mandato legislativo.

Sem relação de forças parlamentar que imponha imediatamente acordos para a transição energética, de valorização dos salários, de investimento público, é preciso em todo o caso fazer aplicar essas medidas. Temos de construir esse programa na prática, a partir da mobilização, para além das amarras dos discursos tradicionais. Temos de saber utilizar estratégias organizativas e narrativas que permitam que a política saia realmente do papel, se alicerce na contestação social e, mais do que isso, na luta por outro projeto de sociedade. Esta tem de ser a força do nosso grupo parlamentar: ser a voz de quem constrói um novo mundo através da luta social.

Porque o programa do Bloco é sério, interseccional e ambicioso, precisamos de ter uma estratégia de construção de movimentos que lhe seja fiel. Temos de ir mais além da tradicional mobilização mais ou menos formal. O desafio da esquerda hoje é transformar a proposta em mobilização, transformar a mobilização em organização social e política, e garantir que essa organização seja a porta-voz de um projeto de sociedade democrática, socialista e ecológica.

Largando a prisão da responsabilização individual, da alienação, do mindfulness e outros estratagemas para tentar ultrapassar sozinhos os problemas de uma sociedade doente, precisamos de respostas coletivas. Queremos criar sentimento de pertença, resposta integrada social e politicamente, escrever narrativas coletivas que criem identificações interseccionais solidárias. Estamos oficialmente na oposição. Por isso, temos de fazer as veias da sociedade pulsar com a luta política mas indo um passo além: projetando no imaginário coletivo uma sociedade que vai rasgar as inevitabilidades do capitalismo. Construir projetos coletivos, colocá-los no imaginário popular como realidades alcançáveis e levá-los ao poder. Esta é a nossa tarefa. Já foi mais difícil.

Esta é uma publicação da **Rede Anticapitalista**, em que se juntam militantes do **Bloco de Esquerda** que se empenham nas lutas sociais e no ativismo de base.

ÍNDICE

2 **Editorial**
A imaginação ao poder

3 **Ativismo pela justiça climática**
Garantir um ativismo climático consciente, inclusivo e eficaz

4 **Debate**
Um manual para combater a direita *clickbait*

6 **Internacional**
O manifesto anticapitalista de Erik Olin Wright

7 **Internacional**
A nova Comissão Europeia: Mais do mesmo… Só que pior

8 **Leituras**
O sol na cabeça
O diabo foi meu padeiro

8 **Vai Acontecer**
30 anos do assassinato de José Carvalho
Conferência sobre o Centenário da CGT e do Jornal *A Batalha*
Homenagem a Rui Pato com Concerto

Ficha Técnica

Conselho Editorial
Ana Bárbara Pedrosa
Andrea Peniche
Beatriz Simões
Hugo Monteiro
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera
Tatiana Moutinho

Design
Helena Borges

Participaram nesta edição
Adriano Campos
Ana Bárbara Pedrosa
Gil Rodrigues Ubaldo
José Gusmão
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera
Ruy Braga

Depósito Legal
441931/18

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**

GARANTIR UM ATIVISMO CLIMÁTICO CONSCIENTE, INCLUSIVO E EFICAZ

GIL RODRIGUES UBALDO*

FOTO: LUSA/ANTÓNIO PEDRO SANTOS

Assistimos hoje ao expandir e intensificar do movimento pela justiça climática, através de atores como o *Fridays For Future* ou o *Extinction Rebellion* que um pouco por todo o mundo fazem crescer a luta contra as alterações climáticas. A escalada do nível de confrontação nesta vertente do ativismo, desde manifestações com centenas de milhares de pessoas, até semanas inteiras de desobediência civil em vários pontos do mundo, tem vindo, cada vez mais, a colocar o movimento pela justiça climática nas bocas do mundo. Isto significa, de uma forma imediata, duas coisas: primeiro, temos a oportunidade de chegar a camadas vastíssimas da população, abrangendo-as na luta pela justiça climática; segundo, temos que garantir o exercício de um ativismo consciente, inclusivo e eficaz.

Tendo isto em conta, e se queremos realmente encontrar soluções justas, democráticas e socialistas para a crise climática, é absolutamente necessário reforçar a luta pela justiça climática como iminentemente ligada à luta de classes.

É vital que nos epicentros do movimento nunca seja posta de lado a natureza de classe que separa aqueles que são mais e menos afetados pela crise climática. É também preciso tomar consciência de que muitas vezes quem 'lidera' ou dinamiza mais estas frentes emancipadoras são pessoas e grupos com inúmeros privilégios de classe, para não falar de etnia e género, e refletir sobre a forma como se responde a esta contradição.

Apenas com esta tomada de consciência é possível democratizar o espaço do ativismo, trazendo para os centros de decisão as populações mais afetadas pela injustiça climática, tanto a nível global, como local, seja a nível de mudanças que o combate concreto às alterações climáticas implica no mundo laboral, seja a nível da vulnerabilidade de quem está mais exposto à precariedade, à pobreza e a condições insuficientes de habitação.

Será também apenas com a consciência das implicações reais dos antagonismos de classe que conseguiremos radicalizar um movimento a partir de estratégias que compreendam as necessidades da população, garantindo um ativismo que lute por elas e nunca contra elas, sendo portanto compensador e contrário à estrutura vigente.

Penso que um outro passo absolutamente vital para a construção e intensificação de um movimento que compreende tanto justiça climática, como justiça social, passa por efetivar a comunicação e interligação entre as comunidades de ativistas a nível regional, continental e global. Só desta forma é possível que os problemas que afetam determinados países ou regiões sejam tidos em conta por toda a comunidade internacional, facilitando o apoio internacional ou inter-regional para a resolução dos mesmos, de uma forma horizontal e solidária. É também através da internacionalização desta luta que democratizamos o acesso à informação, fazendo chegar a todas as partes do mundo novas ferramentas de ativismo, novas propostas de organização de sociedades, de políticas alternativas, de críticas construtivas internas ao próprio movimento, tornando-o mais flexível, capacitado e eficaz.

Para além disso, é assim que se traça o caminho para uma comunidade internacional solidária e unida, que se olha como um todo, ao mesmo tempo que tem consciência das circunstâncias das suas partes, orientando-se sempre pela justiça social e, portanto, também climática.

Termino com a convicção de que o intensificar do nosso movimento levará a soluções e a processos transparentes e justos enquanto a luta de classes deixar bem claro quem e o que defendemos. Esta luta remete-nos obrigatoriamente para o plano internacional, já que a solução para um problema mundial passa pelo fortalecimento de uma comunidade internacional que participa na luta pela justiça climática, lutando também para esbater contrastes entre Norte e Sul Global.

* ATIVISTA DA LUTA PELA JUSTIÇA CLIMÁTICA

DEBATE

UM MANUAL PARA COMBATER A DIREITA *CLICKBAIT*

ADRIANO CAMPOS

Já sabemos da origem, do método, e dos resultados. Uma abençoada candidatura pela mão do PSD à câmara de Loures e a afirmação de uma abrutalhada imagem futeboleira na praça pública abriu-lhe as portas. A escolha cirúrgica dos temas e a aposta numa campanha concentrada na região da grande Lisboa permitiu-lhe surfar em setores muito particulares durante o período eleitoral. O esfarelamento do voto à direita do PSD completa o quadro que levou André Ventura a sentar-se na Assembleia da República e a lá tentar a sua sorte como líder de um partido de extrema-direita em formação. Nos próximos tempos, esta nova abencerragem no quadro parlamentar fará ainda pior do que esperamos. Todas as semanas, uma estridente proclamação anti-sistema, a cada sessão, o perfume rústico da misoginia, em cada debate, a rotulagem racista no ataque ao Estado social. Vai haver muita gritaria e uma comissão de festas instalada nas equipas editoriais disponíceis para envenenar o debate público. Perante esta novidade, há pelo menos quatro notas para um pequeno manual de como combater esta ameaça.

1. ENTENDER O FENÓMENO ANTES DE DISPARAR.

O modo e o conteúdo desta nova direita em Portugal é distinta do que tivemos no passado. Não há uma exaltação armilar de um passado imperial ou a promessa de um regresso ao respeitinho salazarista como solução dos males de hoje. Há sim um guião: o tema da corrupção e do privilégio político (redução do número de deputados), a estigmatização das minorias e o fantasma da falta segurança (ataque à comunidade cigana), o moralismo misógino assente na retirada de direitos (abortos fora do SNS). É, portanto, também diferente de fenómenos extremistas que crescem em outras paragens. Não surge de um impasse constitucional e de soberania (Estado espanhol) ou de uma tensão em torno das políticas de imigração. Não existe hoje em Portugal uma doutrina mobilizadora de fundo fascista assente na projeção de uma identidade coletiva (nós) e num princípio de oposição (eles) capaz de capturar maiorias eleitorais. Existe um problema de racismo e preconceito (desigualdade estrutural), uma dificuldade de representação (democracia de baixa intensidade e desarticulação sindical) e uma fragilidade dos direitos económicos e sociais (deterioração dos serviços públicos e precariedade laboral). É desta análise que partimos e respondemos ao que precisa ser feito.

2. NÃO ALIMENTAR A TÉCNICA DA DIREITA CLICKBAIT.

Para crescer, esta nova direita precisa de pânico e medo como de pão para a boca. Da noite para o dia se lança uma petição polémica, como rapidamente se atiram notícias falsas sobre figuras e partidos. A propagação de ataques de ódio tem nas redes sociais o seu instrumento mais eficaz. Não só quem adere às ideias falsas partilha e dissemina como quem discorda e se espanta não resiste a um movimento de denúncia, "já viram esta alarvidade publicada por este fulano? ". Provavelmente todos fizemos já isso pelo menos uma ou duas vezes. Temos que parar. Não se trata de virar a cara ou recusar a solidariedade devida às vítimas do ataque. Não largamos a mão de ninguém. O problema da partilha de uma imagem de ódio ou de uma notícia falsa, mesmo para a denunciar, é que, na maioria dos casos, a imagem e identidade do emissor original facilmente se perde no manancial de partilhas e cliques. A dado momento, já não sabemos quem jurou ver a etiqueta do relógio de 20 milhões da Catarina Martins e estamos apenas a discutir o caso do relógio de 20 milhões da Catarina Martins. Reproduzir é ineficaz como denúncia, envenena o debate já muito tóxico das redes e não sabemos quem estamos a combater.

3. ENFRENTAR OS MONSTROS E NÃO DEIXAR NENHUMA CONVERSA POR FAZER.

A contenção na partilha não significa uma estratégia de cabeça enfiada na areia. A denúncia e desconstrução do artigo racista de Maria de Fátima Bonifácio foi fundamental num tempo em que os postilhões da direita

aflita arriscam mais do que nunca. Significa não abdicarmos da disputa em afirmar um centro de debate político que importa aos direitos das pessoas. Quando alguém invoca uma pertença nacional ou um traço racializado para atacar um representante político, a resposta só pode ser a afirmação e a força do voto popular que lhe concede legitimidade e nunca a equiparação do ataque de ódio como continuação lógica das desigualdades estruturais. A obrigação da esquerda é denunciar os ataques, mas é, acima de tudo, desmascarar a pandilha que tenta o assalto. André Ventura não pode denunciar o sistema, pois André Ventura foi até há muito pouco tempo um representante da direita sistémica troikista que cortou direitos e salários, não pode clamar justiça quando é alvo de processos por ataques de ódio, não pode invocar os direitos para uma "maioria" quando quer destruir os serviços públicos. É esse o debate que importa fazer com todos e todas que se deixem encantar pela pose do justiceiro ou pelas bugigangas ideológicas deste vendedor de banha da cobra.

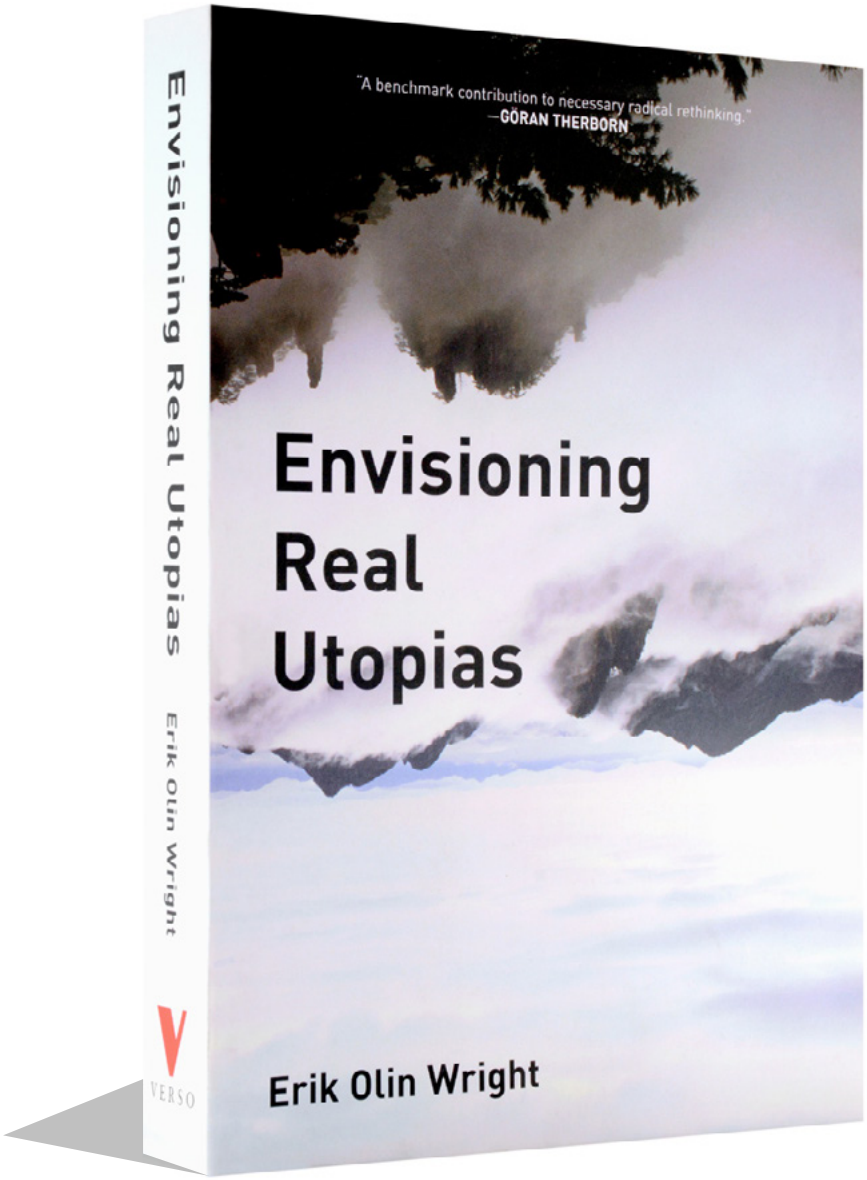
4. MOBILIZAR UMA RESPOSTA SOCIAL E COLETIVA PELA TRANSFORMAÇÃO.

A "ridicularização da política" com uma isca estética tem certamente um pendor de captura do imaginário coletivo num tempo de ameaças, como afirma Márcia Tiburi1. Importa, portanto, combater no plano das ideias, mas não esquecer a necessidade de avançarmos numa resposta de mobilização coletiva contra o crescimento da extrema-direita no país e no mundo. Há ensaios e experiências que importa não deixar cair. Nos casos de violação dos direitos e no surgimento de figuras tenebrosas em outras partes do mundo, a mobilização e demonstração de solidariedade em Portugal representa um elo importante de resistência. Existem hoje redes de solidariedade mais ou menos informais em algumas comunidades de imigrantes, e uma urgência na sua organização sindical, em particular os do setor da "uberização". O trabalho de base que falta a uma fulgurante adesão das mais novas aos ideais feministas e o impulso à luta antirracista continuam hoje a ser uma urgência de organização e uma resposta à construção de maiorias contra o conservadorismo. São essas maiorias em temas concretos de emancipação e conquista de direitos as mais eficazes vacinas contra o discurso de ódio da direita clickbait.

Outra dimensão, mais perigosa e clandestina, passa por perceber a atração que as redes de ódio podem exercer em alguns grupos profissionais (forças policiais), na captura que fazem de um justo discurso reivindicativo (direitos salariais, por exemplo) enquanto constroem uma perigosa rede sindical e social capaz de mobilizar setores significativos, ao qual não podemos responder apenas com silêncio. Por fim, a força que um projeto socialista, combativo e transformador representar nos próximos tempos será decisivo na defesa dos direitos contra a política do medo e os devaneios extremistas da direita tradicional. O Bloco de Esquerda sabe da sua responsabilidade e papel nesta batalha e não foge aos seus compromissos.

O MANIFESTO ANTICAPITALISTA DE ERIK OLIN WRIGHT

RUY BRAGA



Reconhecido mundialmente pelo notável esforço de reconstrução da teoria das classes sociais, Erik Olin Wright foi o mais importante sociólogo marxista de sua geração (Erik Olin Wright morreu em janeiro de 2019, com 71 anos). Articulando uma reflexão teórica inovadora a um programa abrangente de pesquisas empíricas, comparando estruturas de classe de diferentes países, detalhando os processos de formação e de transformação das classes e observando as combinações íntimas existentes entre consciência e luta de classes, a obra de Erik é inigualável em termos de originalidade, seriedade e abrangência investigativas. Não por acaso, seu nome confunde-se com o chamado "debate sobre as classes sociais" na sociologia.

Politicamente, Erik foi um radical comprometido até o último fio de sua vasta cabeleira com a superação do capitalismo. Como bem observou Vivek Chibber, o socialismo era sua bússola moral. Essa dimensão da vida de Erik alimentou sua obra e, no início dos anos 1990, quando o socialismo burocrático colapsava e muitos intelectuais marxistas pulavam de seu barco, Erik liderou na contracorrente um ciclo de conferências dedicadas às "utopias reais", isto é, não um conjunto de sonhos especulativos, mas alternativas realistas ao capitalismo condensadas em movimentos, organizações, instituições e projetos realmente existentes.

Sua obra-prima, Envisioning Real Utopias (2010), condensou todo o acúmulo daquela década e meia de debates e engajamentos com ativistas do mundo todo em torno das utopias reais. Por meio de exemplos criteriosamente garimpados e minuciosamente analisados, Erik revelou a natureza anticapitalista de certas instituições, teorizando sobre o que haveria em comum entre organizações e movimentos espalhados pelos quatro cantos do globo e capazes de impulsionar a construção do socialismo democrático. Ao mesmo tempo, ele conectou ativistas de diferentes países, aproximando suas experiências num autêntico espírito internacionalista.

O entusiasmo de Erik em relação às mobilizações dos jovens transformou-o num ativo organizador do Fórum Social dos Estados Unidos e, em fevereiro de 2011, num aguerrido militante da ocupação do Capitólio de Wisconsin, evento precursor do movimento Occupy Wall Street. Tratava-se de uma iniciativa política balizada por suas convicções científicas. Afinal, uma de suas sugestões mais conhecidas a respeito das utopias reais advogava a combinação de dois tipos diferentes de estratégias emancipatórias, isto é, as "intersticiais" que criariam alternativas fora do Estado e as "simbióticas" que envolveriam o Estado através de lutas em seu interior.

Em poucas palavras, regular por cima e erodir por baixo o capitalismo. Por meio da mobilização social seria possível criar espaços contrários ao Estado capitalista para, então, transformar esses espaços em colaboração com um Estado reformado. As utopias reais de Erik semeavam esperança. No entanto, tratava-se de um tipo de esperança alimentada por experiências históricas concretas. Ele dizia que não é possível prefigurar o futuro emancipado no vazio. Precisamos saber colher exemplos no presente. E imaginar futuros alternativos é uma questão central tanto para a crítica científica quanto para a política socialista.

Ao perceber que tinha pouco tempo de vida devido a uma leucemia que o vitimou no começo de 2019, Erik decidiu verter as principais teses contidas em Envisioning Real Utopias para uma linguagem mais compreensível a um público não acadêmico. A partir de então, ele usou os poucos meses de vida que lhe restavam escrevendo esse "manifesto anticapitalista". Em um mundo emancipado, Erik Olin Wright será lembrado como um herói do conhecimento e um campeão do socialismo. E parte significativa de seu legado está condensada neste manifesto.

INTERNACIONAL

A NOVA COMISSÃO EUROPEIA: MAIS DO MESMO... SÓ QUE PIOR

JOSÉ GUSMÃO

1. No debate sobre os cargos da UE, a decisão mais determinante em cima da mesa foi sempre, e de longe, a escolha da/o nova/o Presidente do BCE. Ao contrário da Comissão, sempre limitada na sua atuação pelos equilíbrios e contradições com o Parlamento, Conselho ou Eurogrupo, o BCE tem atuado e vai continuar a atuar como um todo-poderoso na sua área de competência e frequentemente fora dela. O novo equilíbrio de poder seria sempre desenhado a partir da escolha para o BCE.

2. A escolha de Ursula von der Leyen é indissociável da rejeição de Jens Weidmann como Presidente do BCE. As sucessivas tomadas de posição de Jens Weidmann contra a política monetária expansionista do BCE tornaram-no um candidato inviável. A razão é simples: sendo o crescimento medíocre da Zona Euro quase exclusivamente movido a política monetária, um recuo neste instrumento teria consequências económicas (e políticas) incomportáveis. A gravidade dessas consequências sobrepôs-se aos efeitos da atual política monetária na rendibilidade dos bancos. Para o poder económico, Christine Lagarde é a solução menos arriscada.

3. A nova Presidente do BCE deu as garantias necessárias em matéria de política monetária, sem riscos de heterodoxia noutros domínios da política económica. O currículo de Lagarde nos programas de ajustamento, por mais desastroso que pareça aos que os suportaram, foi um ativo decisivo desta candidatura.

4. Num pacote com Lagarde no BCE, a escolha da Presidente da Comissão tinha de compensar a Alemanha e a direita europeia (não, Lagarde não conta para essa quota). Manfred Weber era uma escolha absolutamente intragável para os socialistas e para demasiados países e nunca esteve realmente em cima da mesa. Timmermans nunca poderia fazer parelha com Lagarde.

5. Ursula von der Leyen fornece desse ponto de vista uma dupla garantia: por um lado, a Alemanha continuará a não ser incomodada por violar sistematicamente os limites de excedente externo nem pressionada para implementar uma política orçamental expansionista, que puxe pela economia do Euro. Por outro, von der Leyen personifica, na Presidência da Comissão, a viragem securitária e militarista de que a Alemanha e a sua indústria de armamento serão as primeiras beneficiadas.

6. Este processo também foi marcado pela normalização da extrema-direita enquanto força de pressão na União Europeia. Embora os festejos de responsáveis polacos pela sua influência no desfecho final sejam mais propaganda do que realidade, a eliminação da barreira higiénica que era imposta a estas forças mostra que a suspensão do partido de Órban no PPE e a condenação pelo parlamento do seu Governo foram artigos de campanha eleitoral.

7. Mais importante do que os titulares de algumas pastas ou nomes mais infelizes é a composição do topo da hierarquia da Comissão. A somar-se a von der Leyen, ficarão Dombrovskis (PPE, Economia), Vestager (Liberal, Digital) e Timmermans (Socialistas, Clima). A comissária portuguesa, Elisa Ferreira, trabalhará sobre "a orientação" de Dombrovskis, na esclarecedora formulação colocada por von der Leyen na sua carta de missão. Dombrovskis, o principal entusiasta na anterior Comissão dos programas de ajustamento, foi promovido na área em que tudo se decide.

8.
Teremos, assim, uma Comissão em que a única viragem a esperar será o enfraquecimento ainda maior da política de coesão para dar força à obsessão militarista. Restará a possibilidade de bloquear as piores soluções, seja no Parlamento, seja através das posições de governos nacionais, muito embora o posicionamento dos socialistas neste acordo para os cargos da União e para a Comissão tenha sido pouco animador a esse respeito.

O sol na cabeça
Geovani Martins

Geovani Martins nasce como um foguete na literatura contemporânea e, mesmo com o que pode ser confuso para um leitor português (a semântica tão diferente), é com um talento único que atinge o fundamental da literatura: chegar ao outro. A literatura brasileira entra no marasmo da auto-ficção – um marasmo velho, pantanoso – e Geovani Martins traz ao leitor lusófono um rasgo de irreverência numa literatura fresca e jovem.

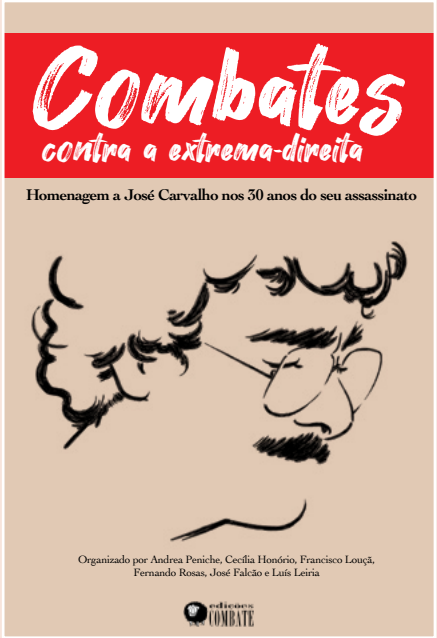
Este curto livro de treze contos tornou-se logo um fenómeno de vendas, tendo sido vendido para editoras em mais de dez países e estando a ser adaptado para cinema. Ali estão o macro e o micro, ali está a única forma elevada de se fazer literatura: há a infância, há o contexto; há a discriminação racial, há o banho de luz chamado Rio de Janeiro. Há a vida sem complacências: a violência, a ameaça, as drogas, a beleza, a honestidade. Lê-se e recebe-se, nem autor nem leitor se perdem em contemplações inúteis, em nenhum parágrafo o autor se põe em bicos de pés a tentar mostrar talento, em nenhuma página ergue a voz a ver se a coisa pega. Numa composição bem doseada e nivelada, tudo soa a honestidade num exercício raro de talento. A capacidade narrativa de Geovani Martins só encontra par no interesse de narrativas que mostram a vida para além do sufoco de auto-ficção que tem atabalhoado a literatura brasileira. As personagens não são veículos de histórias, são gente. Não são pretexto, são existência. E isto Geovani Martins fez contrariando a onda: em vez de neglicenciar o osso da história por questões formais, usando as últimas para enterrar as primeiras, em vez de dar vida às personagens, sacando-lhes apenas a angústia que será instrumentalizada para etc. etc., optou por mostrar a experiência humana sem pó de arroz e sem tentar convencer nada. ABP.

O diabo foi meu padeiro
Mário Lúcio Sousa

A formulação literária é invulgar. O autor usou a voz de vários prisioneiros, todos com o mesmo nome – Pedro –, chegados em alturas diferentes de Portugal, da Guiné, de Angola e de Cabo Verde. Descreveu o terror de dentro com uma fluidez que em nada instrumentaliza acontecimentos para provar alguma coisa. O horror escancarado funciona, e funciona mais ao vir de uma voz humana, e provoca a reacção devida do leitor, através de uma visão panorâmica e micro do campo de concentração do Tarrafal. Abrangendo um período desde a fundação até ao encerramento, o livro acompanha as fases a partir de dentro e, lendo-o, não dá para não se estar com aqueles presos, não dá para não se ser um desses presos.

De resto, caberá dizer que o seu carácter (quase) documental em nada sonega o interesse e a importância de uma magistral construção literária. A literatura faz, assim, o que só ela pode fazer: dá a alguém, através de um livro, um murro no estômago, e de inquietude. Um romance corpóreo e contundente. ABP.

9 de novembro, 16-18h00
Teatro S. Luís em Lisboa
30 ANOS DO ASSASSINATO DE JOSÉ CARVALHO



No Teatro S. Luís, em Lisboa, haverá uma evocação e um debate sobre o que é o perigo da extrema-direita hoje, a pretexto dos 30 anos do assassinato de José Carvalho (1953-1989), militante do Partido Socialista Revolucionário (PSR), que, a 28 de outubro de 1989, na sequência de um ataque de "white skinheads", foi esfaqueado à porta da sede do PSR, na Rua da Palma, em Lisboa, provocando-lhe a morte quase imediata.

Nessa ocasião será lançado um livro sobre os combates contra a extrema-direita, tratando do caso português mas também do Brasil e de países europeus. Editado por Cecília Honório e José Falcão, o livro inclui testemunhos e reflexões de uma dezena de militantes e de historiadores.

9 Novembro, 16h00
Setúbal, Casa da Cultura
CONFERÊNCIA SOBRE O CENTENÁRIO DA CGT E DO JORNAL A BATALHA

Com Álvaro Arranja, Daniel Pires e João Santiago.
Organização do Centro de Estudos Bocageanos.

16 Novembro, 17h00
Forum Lisboa
A ASSOCIAÇÃO JOSÉ AFONSO HOMENAGEIA RUI PATO, COM CONCERTO

Organizado pelo núcleo de Lisboa da Associação, uma homenagem a um músico que fez parte do renascimento da música popular portuguesa.

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**